

A IMPORTÂNCIA DA RESERVA CISALPINA E O IMPACTO SOFRIDO PELA POPULAÇÃO RETIRADA DO ANTIGO PORTO JOÃO ANDRÉ E REGIÃO NO MUNICÍPIO DE BRASILÂNDIA – MS

Adriel Amado Melchior de Almeida

Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Bento dos Santos Filho

Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Janaíne Borges Nubiato

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Thaís de Oliveira Mariquito

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

André Luís Valverde Fernandes

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Rodrigo Guimarães Pinho

Arquiteto e Urbanista
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

Este trabalho tem como meta mostrar a importância da Reserva Cisalpina para a preservação do ambiental no local onde ela está inserida. Com uma área de 6.261,2573 hectares fica a 14 km de Brasilândia seguindo pela MS 040. Aborda também o que pensam as pessoas remanejadas desta área para outra que lhes fora destinada, a Nova Porto João André, sobre as consequências da repentina mudança que sofreram em suas vidas e ainda qual é a visão sobre como está a preservação no lugar de onde saíram. A metodologia usada para esta pesquisa se apoiou na revisão bibliográfica e entrevistas diretas com os moradores afetados pelas águas do lago da UHE Sérgio Mota, onde hoje está a Reserva Cisalpina; em caráter qualitativo e destaca-se também como estudo de caso; é descritiva, pois os dados foram analisados indutivamente por seus pesquisadores. Notamos que os moradores do Porto João André que hoje moram na Nova Porto João André sentem um forte desejo de rever o local onde nasceram ou moraram por tantos anos e sonham em um dia verem a área da Reserva Cisalpina aberta para visitação.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção; Reserva Cisalpina; Porto João André; Nova Porto João André.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a importância da Reserva Cisalpina em relação à preservação ambiental através de informações fornecidas

pela CESP e também expor o que pensam as pessoas que foram impactadas pela construção da Usina Hidroelétrica Engenheiro Sérgio Mota (Primavera) através de entrevistas com alguns daqueles que viveram e trabalharam no lugar onde hoje está parte do montante da referida usina, onde está situada a Reserva Cisalpina.

Com uma área de 6.261,2573 hectares, de uma área total de 22.886,12 hectares e um bioma que apresenta mosaico de floresta estacional decidual aluvial; savana arbórea (cerradão); savana (cerrado) e campos de várzea, a Reserva Cisalpina está localizada a 14 km do município de Brasilândia MS, a 13 km de Paulicéia SP e a 20 km de Panorama SP, confrontando-se ao norte com o rio verde, ao leste e ao sul com o rio Paraná e a oeste com os reassentamentos Pedra Bonita e Santana, tendo como meios de acesso a MS 040, partindo de Brasilândia MS ou cruzando a ponte sobre o rio Paraná (CESP, 2014) (Figura 1).

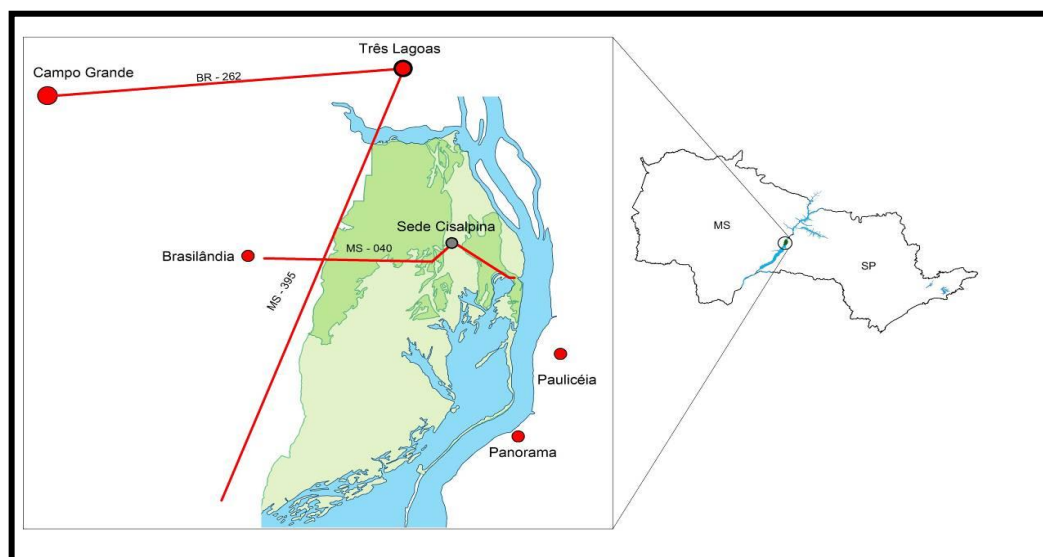


Figura 01: Croqui de acesso à Reserva Cisalpina.
Fonte: CESP, 2014.

1 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

A percepção ambiental é a maneira como o ser humano percebe o ambiente ao seu redor. Além dos sentidos (visão, audição, etc.) envolve também imagens mentais a respeito do real (FERREIRA, 2005; HOEFFEL et al., 2008). “Partindo do real, constrói-se realidades subjetivas que passam a fazer parte da nossa visão de mundo” (FERREIRA, 2005, p. 43).

No sentido de auxiliar o ser humano a lidar com o meio natural, a percepção pode gerar no indivíduo sentimentos positivos (topofilia), de simpatia e admiração por lugares, paisagens, como também, ao contrário, gerar medo, desconforto, aversão, sentimentos estes que caracterizam a topofobia (DORNELLES, 2006).

A percepção, por ser, ultimamente, objeto de estudos sobre a relação homem-ambiente, diz que, a partir desses estudos pode-se explicar o procedimento dos homens em relação ao ambiente, pois suas atitudes são consequências da sua percepção sobre o meio natural (FONTANA, 2004; HOEFFEL et al., 2008). Os dados sobre percepção não ficam limitados aos discursos sociais a respeito de problemas do ambiente, eles buscam a gênese da existência dos vários modos de vida e seus relacionamentos com a natureza (MARIN, 2008).

Entendemos, a respeito de percepção ambiental, que ela é o dispositivo que leva o ser humano a pensar e repensar os seus atos, colocar-se sob a mira da autocrítica e analisar como têm sido suas atitudes em relação ao seu lugar, o mundo, como foi a sua caminhada até agora, se tem ou não preservado os recursos naturais. A percepção leva o homem à consciência das suas atitudes, a buscar uma vida melhor sem se omitir das suas responsabilidades, ser atuante na busca de soluções para os fatores degradantes do ambiente.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nessa pesquisa foi apoiada na revisão bibliográfica em materiais como livros e artigos que discutem a mesma linha temática abordada nesse trabalho. Foi ainda utilizada a abordagem de pessoas que viveram no Porto João André, local hoje afetado pelas águas da barragem da UHE Sérgio Mota, através de entrevista realizada no campo, pois segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa de campo permite levantar dado onde os fenômenos ocorreram.

Quanto à abordagem, esta pesquisa tem caráter qualitativo, pois de acordo com Silva e Menezes (2005.p. 20) “o ambiente é a fonte direta para se coletar os dados, enquanto o pesquisador é o elemento chave”.

Esta pesquisa é também um estudo de caso, pois de acordo com Gil (2002), tal tipo de pesquisa envolve estudo profundo de um ou poucos objetos, permitindo assim um detalhado conhecimento.

Do ponto de vista dos objetivos gerais, pode-se classifica-la em pesquisa exploratória. Para Gil (2009, p. 27), as “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado”. Acrescenta-se também que é descritiva, pois os pesquisadores analisaram os dados indutivamente.

Para melhor condução das entrevistas foi elaborado um roteiro com o objetivo de questionar o público alvo, como: Tempo de residência ou contato com o local estudado; transtornos e benefícios causados com a retirada inesperada do local onde viveram tantos anos; comparação entre a vida no Porto João André de antes e a vida agora na Nova Porto João André; As emoções causadas pelas lembranças da antiga residência; opiniões a respeito da conservação do lugar onde hoje é a Reserva Cisalpina e expectativas sobre a liberação do local para visitação.

3 BREVE HISTÓRICO DA RESERVA CISALPINA E A SUA IMPORTÂNCIA

Por exigência do IBAMA, a fazenda Cisalpina foi transformada em Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN). Por meio da renovação da licença de operação 121/01 em três de maio de 2002, cuja condicionante 2.4 determinou que a CESP implementasse “ações para transformar a Fazenda Cisalpina em Unidade de Conservação” (Figura 2).



Figura. 02: Vista panorâmica da Reserva Cisalpina a partir do rio Paraná, próximo à foz do rio verde.
Fonte: CESP, 2014.

Para cumprir essa condicionante a CESP preparou a documentação necessária, enviada em 26 de novembro de 2003, pela carta CT/P.1904/2003. Em sete de junho de 2004 o IBAMA abriu o processo 02014002486/2004-29 para análise da situação.

A Reserva tem um bioma de mosaico de floresta estacional decidual aluvial, savana arbórea (cerradão), savana (cerrado) e campos de várzea (Figura 03).



Figura 03: Aspectos das diferentes fisionomias vegetais da Reserva Cisalpina.
Fonte: CESP, 2014.

A reserva tem vigilância e fiscalização próprias e da Polícia Militar Ambiental de Mato Grosso do Sul, e periodicamente são feitos aceiros, manutenção de estradas e caminhos, prevenção e combate a incêndios e implantação de reflorestamentos com essências nativas. A CESP adotou também diversas outras medidas, como confecção de cercas em todas as divisas secas, totalizando 25 km. As ocorrências de pesca e caça predatória, coleta de iscas e incêndios criminosos têm se tornado cada vez menos constante.

4 ANÁLISE DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL DAS PESSOAS QUE MORARAM NO PORTO JOÃO ANDRÉ E HOJE MORAM NA NOVA PORTO JOÃO ANDRÉ.

A análise a seguir foi baseada em pesquisa realizada através de algumas perguntas elaboradas de forma a levar os entrevistados a mostrarem percepção como pessoas que viveram nos dois locais e que tinham grande conhecimento da região.

A faixa etária do total de pessoas entrevistadas variou entre vinte e um (21) até setenta e oito (78) anos. 52% (cinquenta e dois por cento) das pessoas entrevistadas se declararam casadas; 22% (vinte e dois por cento) viúvos; 11% (onze por cento) solteiros e 5% (cinco por cento) separados. Quanto ao sexo, 35% (trinta e cinco por cento) são mulheres e 65% (sessenta e cinco por cento) homens e a média de tempo vivida por eles no Porto João André é de 28 anos.

Em relação à mudança inesperada e rápida que tiveram de enfrentar, e apesar de já terem se adaptado à Nova Porto João André, onde moram hoje, houve unanimidade quanto a tristeza que se abateu sobre eles, pois teriam que deixar o lugar onde nasceram ou moraram tanto tempo para serem levados a um lugar desconhecido. Vamos a algumas respostas:

“Fomos arrancados contra a nossa vontade, fiquei desesperada e com medo. Chorei muito”.

“Falaram que para onde iríamos era um lugar muito bom, mas a gente queria ficar”.

“Eu me senti como um peixe tirado da água e jogado na areia. Não sei porque, mas alguma coisa me falava que não ia dar certo”.

Quando foi pedido que comparassem a vida deles nos dois lugares, observamos que os seus olhos brilhavam quando se referiam ao lugar onde moravam antes. Mesmo tendo hoje uma vida com um pouco mais de conforto, a maioria disse que preferia ter ficado onde estavam mesmo enfrentando as dificuldades do cotidiano (falta de energia elétrica, pernilongos, poucos recursos quanto a saúde, etc.). Vejamos a reprodução escrita de algumas falas:

“Hoje temos um pouco mais de conforto, mas lá eu tinha mais liberdade”.

“Lá eu tinha um rio no fundo de casa, a vida era dura, trabalhava muito, mas era muito mais feliz, fazia tudo com alegria”.

“Lá nós ouvíamos falar em drogas, aqui a gente vê a droga e a vagabundagem. Lá era muito melhor. O rio e a terra dava a comida e os turistas davam algumas roupas e tantas coisas”.

“Aqui é bom pra estudar os filhos e temos médicos de vez em quando, mas mesmo assim eu gostava mais de lá”.



Figura 07: Restaurante da mamãe Dolores, no Porto João André, às margens do rio Paraná.

Fonte: Joaquim Bueno - Arquivo pessoal.



Figura 08: Balsa a vapor usada no transporte de passageiros na década de 70. Muito citada como causadora de grandes lembranças na memória do povo. As casas da margem são do Porto João André.

Fonte: Joaquim Bueno - Arquivo pessoal.

O momento em que se demonstraram fortes marcas de um saudosismo que está intrínseco em cada uma daquelas pessoas foi quando perguntamos sobre as

emoções causadas pelas lembranças da antiga morada. Quais eram as sensações causadas pelas recordações. Muitos choravam ao se lembrarem com mais detalhes do local onde viveram por muitos anos. Vejam o que algumas pessoas disseram:

“A gente via as pessoas como elas eram, simples, uma pobreza feliz. A gente andava a pé e descalços, mas a gente sempre sorria (pausa para chorar). Perdemos tudo!”.

“Lá era o meu lugar. Aqui eu não sou feliz igual era lá”.

“Tudo era humilde, simples, acho que por causa disso tudo era mais bonito”.

“Me lembro das brincadeiras na beira do rio, das bailes, dos jogos. (suspiros e expressão de tristeza). Tudo acabou! Hoje tudo é com droga, bebida e brigas”.

“A gente se despedia dos amigos já marcando o que ia ser feito no outro dia. As amizades eram boas. Hoje muitos já se foram(morreram)”.

“de bom mesmo hoje é só a lembrança”.

“Quem me dera voltar e poder ver pelo menos a casa onde eu nasci e morei tantos anos! Foi a minha maior riqueza!”.

Ao serem inquiridos sobre a preservação ambiental no local onde hoje é a Reserva Cisalpina, as pessoas se posicionaram de diferentes formas, algumas afirmando estar bem cuidado, Já outras dizem que esta preservação não está sendo eficiente, pois há pessoas entrando na reserva e praticando caça e pesca. Há ainda um grupo que diz não serem as pessoas da Nova Porto João André que entra na reserva para caçar e pescar, mas sim, pessoas que vêm do estado de São Paulo geralmente à noite para caçarem e pescarem no lado sul mato-grossense. Vamos observar o que disseram algumas pessoas a respeito desse assunto:

“Aumentou bastante a quantidade de animais na reserva. Isto mostra que está sendo bem cuidada”.

“Nós não vamos até lá porque temos medo do que pode acontecer, mas muitos que vêm de fora entram na reserva. Acho que ainda falta fiscalização”.

“Pelo que a gente ouve parece ser bem cuidada”.

“Não tenho ido mais lá, mas já ouvi dizer que está bonito o lugar. Muitos peixes e muitos bichos”.

“Já foram vistos barcos vindos do lado do estado de São Paulo e entrando na reserva no começo da noite. A fiscalização está muito fraca, logo começam a acabar com tudo”.

“Eu já vi muito lixo dentro da reserva. Isso não é bom”.

“Nós não podemos ir lá, mas pessoas de fora vão e não se ouve falar que foram punidos”.



Figura 09: Vista parcial da varanda do Restaurante Mato-grossense e do rio Paraná quando estava sendo construída a balança do posto de fiscalização estadual no Porto João André na década de 80.

Fonte: Joaquim Bueno - Arquivo pessoal.

Houve outro momento no qual o saudosismo e as emoções se afloraram novamente. Foi quando perguntamos se eles tinham alguma esperança de que, um dia, o local onde está à reserva seja aberto para visitação. Muitos Olhos brilhavam, como se eles tivessem vislumbrando algo com capacidade de proporcionar um prazer muito grande. Vejamos o que responderam alguns deles.

“Acho que seria a melhor coisa a ser feita. Já que nos tiraram de lá contra nossa vontade, pelo menos rever o lugar já seria um consolo”.

“Meu Deus! Como eu sonho em poder voltar no lugar onde ficava a minha casa”.

“Seria muito justo! Acho que todos gostariam de voltar lá um dia”.

“Não existe mais nada. As casa foram derrubadas e o mato já cobriu tudo. Mesmo assim eu queria olhar tudo aquilo de perto outra vez”.

“Se um dia eu puder voltar lá não sei qual será a minha reação. Talvez fique alegre, talvez não. Talvez posso até chorar. Quem sabe?”

“Seria muito bom se a gente pudesse entrar lá. Existem tantos lugares de preservação que as pessoas podem visitar. Por que não lá também?”

CONSIDERAÇÕES

Após analisarmos as diferentes opiniões sobre o que pensam os moradores do Porto João André que hoje vivem no reassentamento Nova Porto João André foi possível observar que praticamente todos reconhecem a importância da reserva na preservação ambiental daquele local, mas também ficou evidente, de acordo com alguns entrevistados, que é preciso melhorar a fiscalização no local, pois há um fluxo de pessoas que entram na reserva para praticarem ilegalidades, como caça e pesca, por exemplo.

Esta pesquisa nos proporcionou condições mais reais de entendermos que o homem se prende ao meio onde vive independente do conforto, criando fortes vínculos sentimentais com o lugar.

Também entendemos que as denúncias sobre a entrada de pessoas de fora na reserva onde outrora fora o lugar que tanto amaram e anseiam por revê-lo um dia, é uma forma de se preocuparem com a preservação do lugar.

Portanto, esperamos que esta pesquisa colabore na elaboração de projetos voltados ao aperfeiçoamento dos meios preservacionistas da área-objeto deste trabalho, e que desperte o envolvimento da população, do governo e de empresas privadas para que a Reserva Cisalpina seja cada vez melhor cuidada, mas que concilie preservação com visitação. Quando o homem convive com o ambiente sem depredá-lo, é sinal de emancipação e respeito pela vida.

REFERÊNCIAS

CESP. Companhia Energética de São Paulo. **Dados da Reserva Cisalpina, Brasilândia MS.** Departamento de Meio Ambiente. s.d., Três Lagoas, MS.

DORNELLES, C.T.A. **Percepção ambiental:** uma análise na bacia hidrográfica do rio Monjolinho, São Carlos, SP. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da

Engenharia Ambiental) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERREIRA, C.P. **Percepção ambiental na Estação Ecológica da Juréia – Itatins. 2005.** Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

FONTANA, A. **Ao redor da natureza: investigando a percepção ambiental dos moradores do entorno da Estação Biológica de Santa Lúcia, Santa Teresa – ES.2004.** Dissertação (Mestrado em psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HOEFFEL, J, L. *et al.* **Trajetórias do Jaguar – Unidades de Conservação, percepção ambiental e turismo: um estudo no APA do Sistema Cantareira, São Paulo.** Ambiente e Sociedade 11(1): 131-148, 2008.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIN, A. P. **Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental.** Pesquisa em Educação Ambiental 3(1): 203-222, 2008.

SHIRAISHI, J, C. Mestranda do Centro de Desenvolvimento sustentável, UnB – **Percepção Ambiental sobre a Reserva Biológica da Contagem, DF, Uma Análise Preliminar,** V Encontro Nacional da ANPPAS, 4 a 7 de outubro de 2010, Florianópolis - SC – Brasil. Disponível em: <www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT2-127-393-2010>. Acesso em: 22 mai. 2014.

SILVA, E.L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4ª ed. Florianópolis: UFSC, 2005.